

Percepções sobre moeda social em um evento de trocas solidárias: o “Grão” no VII Brechó Eco-Solidário

Eixo 5 – Território e Inovação Social

Gil T. S. Brito¹, Juliana F. O. de Melo², Joaquim A. O. Neto³

*1Universidade Federal da Bahia – UFBA – Escola de Administração – Salvador-BA –
gilbrito.adm@gmail.com*

*2Universidade Federal da Bahia – UFBA – Escola de Administração – Salvador-BA –
julianafonsecamel@gmail.com*

*3Univerdade Federal da Bahia – UFBA – Escola de Administração – Salvador-BA –
joaquimneto.ites@gmail.com*

Resumo

O presente texto propõe discutir uma iniciativa que compõe modos alternativos de trocas ou intercâmbios econômicos em contraposição àqueles praticados segundo a lógica mercantil, situando-se no âmbito das trocas solidárias que fazem uso de moedas sociais para efetuação dos câmbios. Foi com esse objetivo, que se buscou realizar um estudo sobre as percepções da moeda social “Grão” do Brechó Eco-Solidário, avaliadas durante a VII edição do evento que ocorreu em outubro de 2012, na capital baiana, Salvador. Para tanto, elaborou-se uma entrevista semi-estruturada a ser confrontada com o referencial teórico da literatura existente sobre moedas sociais e clubes de troca. Com a análise das entrevistas, via estatística descritiva, se buscou percepções tanto dos participantes visitantes do evento quanto dos participantes dos Empreendimentos de Economia Solidária. A análise dos resultados da pesquisa buscou observar principalmente o nível de interesse dos participantes em eventos de trocas solidárias, o entendimento sobre moeda social e as diferentes percepções acerca das funções de uma moeda social. Alguns dos caminhos identificados para propagar a amplitude do conceito de moeda social no evento consistem em fornecer mais informações e dar maior destaque a moeda “Grão”.

Palavras-chave: Trocas solidárias; Moedas sociais; Economia solidária.

Introdução

Compreender como se dão as diversas formas de relacionamento em um território é de interesse daqueles que buscam entender os mecanismos e as relações que se estabelecem no processo da gestão social. Percebemos que apesar da predominância de evidências econômicas e políticas presentes no interior da gestão social ainda há muito que se atentar e investigar sobre aspectos materiais e simbólicos que se expressam nas relações sociais sob a ótica da dimensão econômica e política. Torna-se preciso dedicar esforços para entender as diferentes formas de relações sociais que se estabelecem nos territórios de trocas desse tipo de gestão, pois para compreendê-las, tanto há carência de literatura específica quanto de estudos que tomem as relações sociais estabelecidas no interior da gestão como uma problemática a ser investigada de forma responsável com o objetivo de entender as transformações que elas vêm passando.

Em claras palavras, o caminho que esse trabalho seguiu para entender uma parte das experiências estabelecidas por sujeitos em territórios de troca foi o de observar em campo como se dão as compreensões sobre moedas sociais em territórios não mercantis como um evento de trocas solidárias. Nesse sentido, se buscou realizar uma pesquisa sobre as percepções do “grão”, a moeda social do Brechó de 2012. A abordagem escolhida foi qualitativa a fim de preservar a representação do valor semântico da moeda social, já que a partir desse tipo de abordagem é possível responder a questões particulares, como a proposta. Além disso, o estudo qualitativo se preocupa, nas ciências sociais, com situações que se desenvolvem numa situação natural, que possuem uma riqueza em dados descritivos e são capazes de focalizar e contextualizar simultaneamente (MARCONI e LAKATOS, 2006). A pesquisa qualitativa foi acompanhada pelo registro, sendo que a população em estudo era constituída tanto de participantes-visitantes do evento, quanto dos participantes-empreendimentos, em sua maioria Empreendimentos de Economia Solidária (EES) que integraram a Feira Solidária que ocorreu durante o evento.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram observação não-estruturada e entrevistas estruturadas. Por meio da observação não estruturada buscou-se verificar a dinâmica interna dos participantes do Brechó, na perspectiva de suas relações de troca utilizando a moeda “grão”. O outro instrumento de coleta de dados utilizado foi às entrevistas estruturadas, sendo realizadas ao todo 170. Por utilizar uma amostra não probabilística, a qual desencoraja a efetuação de generalizações e inferências sobre toda a população (LAVILLE, 1999), os resultados e conclusões serão analisados a partir da óptica da estatística descritiva. Foi esse o método encontrado para, dentro de um evento, agrupar alguns dados que, depois de estudadas e confrontadas com os referenciais teóricos estudados, pudessem gerar informações sobre o tema observado que foi capaz de gerar insumos sobre suas potencialidades e deficiências.

Do ponto de vista do meio econômico, entendemos que as práticas de trocas solidárias, que utilizam moeda social, estão inseridas em um cenário não mercantil e monetário. Segundo Karl Polanyi (2000), do ponto de vista dos diversos “usos” da moeda, ela pode ser considerada como um poderoso meio de comunicação que carrega consigo uma semântica tal qual a escrita ou a fala. Assim, ao observar a moeda como um dos caminhos que permite a comunicação entre as pessoas, seria possível considerar que ela passe despercebida por alguém? Em outras palavras, as pessoas entendem e estabelecem relações com a moeda por sua comunicação ou pelo seu valor? É possível perceber que as duas formas de relação podem ser simultâneas, mas isso nem sempre é compartilhado por todos. Nesse sentido, o intuito foi de entender mais sobre as relações que se estabelecem na troca privilegiando a perspectiva individual das pessoas presentes no evento de trocas solidárias “Brechó Eco-solidário”.

Para melhor compreensão, o texto está subdividido em cinco partes, sendo a primeira a introdução que já foi apresentada. Na segunda parte, foi destacada a conceituação das trocas direcionando as práticas não mercantis e monetárias, e também o contexto dos clubes de trocas que fazem uso de moedas sociais. Em

seguida, foi realizado um relato de experiência sobre o evento e suas relações com a literatura já existente. Na quarta parte, a partir dos resultados discute-se as percepções do público do evento sobre moeda social e por fim procurou-se destacar alguns desafios e possíveis soluções que se situam nessa configuração de experiência.

Sobre a não mercantilização via formas alternativas de trocas econômicas

A prática da troca é uma atividade humana que teve grande influência nas mudanças no decorrer de sua história. A partir dessa prática, o homem conseguiu ter acesso a produtos e serviços dos quais não precisava ser produtor direto ou ter uma expertise desenvolvida em relação à dada técnica, o que levou a ter maior acesso a diferentes produtos e serviços. Assim, de acordo com Engels (1974), as primeiras sociedades viveram de acordo com um comunismo primitivo e a riqueza era repartida entre todos os membros de certa comunidade. Conforme Aglietta e Órleans, 1990, citado por França Filho, 2011, após esse período inicial, houve o aumento da prática do escambo, o que desencadeou no surgimento de um meio de troca para maior comodidade e justiça, ou seja, o nascimento da moeda possibilitou mensurar e quantificar a expressão do valor das coisas passadas até poupança para uso futuros.

Porém, é interessante notar que segundo Polanyi (2000, p. 57) “A permuta, a barganha e a troca constituem um princípio de comportamento econômico que depende do padrão de mercado para a sua efetivação.” As reflexões do referido autor em frente do contexto que estudou sugere que o conceito de economia e consequentemente de mercado abrangem muitas outras formas de interação do que estavam previstos pelos economistas clássicos, pois o “mecanismo de oferta-procura-preço (que chamamos mercado, em linguagem popular) é uma instituição relativamente moderna e possui uma estrutura específica”, Polanyi, (2012, p.48).

Nesse sentido, a economia também pode ser entendida a partir de sua pluralidade, já que as atividades econômicas do homem envolvem uma abordagem interdisciplinar que incluem os campos do conhecimento que vão desde a sociologia, psicologia, antropologia até a matemática. Assim, dialogando com Laville (2009) podemos caracterizar essa economia plural como uma proposta que compreende as relações estabelecidas entre os próprios produtores e a natureza são coordenadas a partir de princípios plurais (LAVILLE, 2009), sendo ela a junção dos três princípios econômicos: o mercantil, não mercantil e não monetário. Dentro da lógica da economia plural, encontra-se a economia solidária que se define como outra forma de fazer economia a partir de princípios como: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, valorização do meio ambiente, do trabalho, do saber local e a igualdade de gênero, raça, geração, etnia e credo.

A economia solidária é definida por França Filho e Laville (2006) da seguinte maneira:

“Uma economia que se gesta em diferentes partes do mundo a partir de iniciativas, sobretudo de natureza cooperativista e associativista, oriundas da sociedade civil e dos meios populares. Tais iniciativas assumem diferentes configurações, desde aquelas

que criam o seu próprio circuito de produção e consumo, alimentando cadeias sócio-produtivas autônomas e, em alguns casos, fortemente baseadas em relações não-monetarizadas, até outras que empreendem relações mais permanentes com o mercado e desenvolvem diferentes tipos de parcerias com os poderes públicos. As formas assumidas por esta economia também variam de acordo com as diferentes regiões e países: de cooperativas de produção e prestação de serviços, passando por bancos comunitários, clubes de troca e associações de serviços em países latino-americanos, até as cooperativas sociais, as sociedades cooperativas de interesse público, as empresas sociais ou os sistemas de trocas locais, entre outros, em países europeus”.

A partir da abordagem dos referidos autores podemos caracterizar que há possibilidade da existência de práticas monetárias, mas, não-mercantis, o que é o caso de alguns clubes de troca como o VII Brechó Eco-Solidário que acontece na cidade de Salvador na Bahia. Trocas econômicas a partir de práticas não mercantis são cotidianas na sociedade contemporânea, mas, a importância das práticas nem sempre são seguidas de uma reflexão. A atividade da troca não mercantil pode ser notada de maneira cotidiana nos bairros com renda familiar mais baixa onde a existência de mutirões, onde um coletivo de pessoas ajuda na conclusão de determinada obra em troca de um prato de comida e da contribuição moral de se sentir parte da comunidade.

Através de um clube de troca, uma comunidade em especial, demandante de algum produto e/ou serviço tem como oportunidade de acesso, ou alternativa única, a um espaço de oferta diversa que pode vir a suprir suas necessidades. Além disso, no caso do Brechó Eco-Solidário, não se pode deixar de considerar que os mesmos participantes que vão em busca de algum item para si, são os mesmos que quando participam do evento também levam itens a serem trocados. Esse conjunto de atividades, atrelado a noção do processo produtivo, seja ele industrial ou não, mostra o quanto essa prática pode ser benéfica às cadeias de produção ao impactar na redução dos insumos de produção, envolvendo energias, tempo e pessoas.

Outra questão a ser analisada é o caráter integrativo presente nas relações de trocas solidárias que vão além dos interesses de saciar-se economicamente. Sob esses aspectos, se faz necessária a avaliação, por exemplo, das experiências dos clubes de troca, para saber ou buscar entender algo sobre os níveis das relações formadas nos eventos, a relação das pessoas com a moeda social, instrumento tão semântico quanto à fala e a escrita e que por tanto teria utilidades de uso para além do simples instrumento de troca. No âmbito das práticas de trocas solidárias, espera-se que a moeda cumpra o seu papel de facilitar as trocas entre os interessados, mas que ela também seja o caminho para o entendimento de um mundo mais sustentável, através da troca de itens e do desenvolvimento de boas práticas que, pelo diferencial não mercantil, permitem a compreensão dos valores de uso e valores de troca dos produtos.

Moedas sociais em eventos de trocas solidárias

Em alguns eventos de trocas solidárias as moedas sociais têm sido utilizadas com finalidades diversas além da mais óbvia de facilitar as trocas, a busca por incrementar essas finalidades diversas se contrapõe a lógica contemporânea, na qual o exclusivo papel da moeda é o de reserva de valor. De acordo com Arruda (2008), a conversão do dinheiro em mercadoria foi causada a partir do desvirtuamento do papel vital do dinheiro, que pressupõe outras dimensões. A dissociação do papel do dinheiro é proveniente da cisão entre a visão antropológica da moeda - que abarca as dimensões subjetivas provenientes das relações humanas que afetam a moeda - em relação a visão economicista da moeda - a qual a visualiza exclusivamente como medida de valor agregada a uma ideia de neutralidade - começou a ganhar força a partir do final da Idade Média (FRANCA FILHO, 2011). Nesse período feudal, segundo o filme "A dupla face da moeda", as moedas que antes acompanhavam a evolução dos sistemas de troca abrangendo as dimensões de redistribuição, reciprocidade e mercado, passaram a dar mais ênfase a esta última categoria. A partir da emergência do mercado como categoria protagonista nos sistemas de troca ocorre a supervalorização da moeda compactuando com a visão economicista da moeda passando a enxergar nela não um meio de troca, mas um instrumento com fim em si mesmo, dando sentido a busca atual incessante pelo acúmulo desmedido desse item.

Na contemporaneidade a busca contínua pelo acúmulo de moeda é parte do elevado problema de desigualdade social e conseqüente escassez de moeda. Nesse processo, uma das formas de combate a escassez monetária é a possibilidade de recorrer a moedas complementares, também chamadas de moedas sociais, que são responsáveis por introduzir abundância na economia. Essas alternativas de moeda têm a força de fomentar o intercâmbio de bens e serviços atuando na distribuição de riquezas (ARRUDA, 2008). Segundo França Filho e Silva Jr (2009), a denominação "social" se deve ao fato da moeda auxiliar na resolução de problemas econômicos e sociais das comunidades que criam e utilizam essas moedas como um dos meios para a realização de câmbios que garantem o seu desenvolvimento.

Os impactos positivos causados pela moeda ultrapassam as fronteiras das relações econômicas, isso, fica evidente na abordagem de Paul Clover (1995):

"Aqui em Ithaca, Nova York, começamos a ganhar o controle dos efeitos sociais e ambientais do comércio imprimindo mais de US\$50.000 de nosso próprio dinheiro local, para mais 950 participantes, desde 1991. Milhares de compras e muitas novas amizades foram feitas com este dinheiro e cerca de US\$ 500 mil do comércio local foram adicionadas ao Produto Nacional de Bases Sociais. Nos encontramos como companheiros ithacanos, em vez de vencedores e perdedores ansiosos por acumular dólares. Ao fazer-lo, ajudamos a aliviar o desespero social que tem levado ao consumo compulsivo, ao desperdício de recursos, a falta de um teto e a fome".

Boa parte dos grupos e eventos de trocas solidárias se utiliza dessas moedas sociais para efetivar seus câmbios. Essas trocas se encaixam na perspectiva da “economia sem dinheiro” descrita por França Filho e Lavelle (2006), já que são iniciativas que compõem a criação de formas alternativas de intercâmbios econômicos, em comparação àquelas praticadas segundo a lógica mercantil. Esse tipo de iniciativa se caracteriza por se situar em escala local e objetiva combater o fenômeno da exclusão social por meio da organização territorial e comunitária. Ainda segundo os autores, as principais experiências que participam das trocas solidárias são conhecidas nas regiões anglo-saxônicas como Local Exchange trade System (LETS), na França de *Système d’Échanges Locaux* (SEL) e na América Latina são comumente chamados de Clubes de Trocas.

Um clube de trocas é um espaço de aglutinação voluntária de pessoas que estabelecem relações de trocas de produtos e/ou serviços fazendo uso de uma moeda local (MANCE, 2002) e pode, em alguns casos, não fazer uso da moeda social. Com base no modelo de clubes de trocas francês, o SEL, a troca funciona como um pretexto para que se crie um canal de confiança que se perpetue ao longo do tempo, assim, um membro de um SEL oferece bens e serviços com base numa contabilização de uma moeda própria. Desse modo, a para que ocorram as trocas os membros do clube são obrigados a ser ao mesmo tempo ofertantes e demandantes fazendo com que haja a diminuição das desigualdades (SERVET, 1999).

A literatura diverge um pouco acerca das origens das experiências de clubes de trocas, mas apontam o Canadá como pioneiro, a organizar sistemas de trocas solidárias na cidade de Vancouver, em 1976, posteriormente se espalhando por alguns países anglo-saxões como Estados Unidos, Inglaterra e Austrália. Na França o surgimento do primeiro SEL se deu em Lyon, em 1994. Já no contexto da América Latina, em 1995 foi criado o primeiro clube de trocas argentino, em Bernal, província de Buenos Aires. O surgimento dessas experiências está vinculado a contextos de crises econômicas e também do aparecimento de diversas iniciativas cooperativistas e comunitárias. Atualmente, embora não sejam indispensáveis, são alternativas importantes como práticas para um futuro emergente e também nos processos de incubação das Redes Locais de Economia Solidária (RLES), cujas práticas são de grande relevância social.

As regras em relação ao funcionamento dos clubes de trocas podem variar bastante a depender da região em que se situem, a exemplo da Redes de Trocas Recíprocas de Saberes, nas quais os câmbios ocorrem de forma bilateral, os Bancos de Tempo, as trocas ocorrem a partir da contabilização do tempo de serviço prestado, além dos clubes de trocas que podem ocorrer com ou sem o uso de moeda social. Outra importante característica é que os sistemas de trocas são capazes de reunir o trabalho e o consumo. Contextualizando o caso argentino, Rossmeissl (2005) destaca que o acesso ao intercâmbio exclusivamente via dinheiro está muito limitado, e que isso causa uma exclusão evidente de grandes partes da população. Desse modo uma grande parcela de trabalhadores fica excluída devido a falta de oferta de emprego, gerando um grande potencial de mão-de-obra não aproveitada por conta da falta de trabalho. Observa-se, nesse

processo, ausência de uma intermediação monetária que possibilite a esses cidadãos se organizar em torno do trabalho e do consumo. Assim, os sistemas de troca emergem como uma alternativa, um caminho capaz de reunificar as dimensões de produção e consumo capaz de gerar os chamados ‘prossumidores’. A característica principal da rede de ‘prossumidores’ é que a demanda que vai criar a oferta e não o contrário, como ocorre usualmente, ou seja, serão produzidos itens a partir da demanda real existente.

Segundo França Filho e Laville (2006), a especificidade dos clubes de todas está justamente na possibilidade do fomento de laços de solidariedade e outras dinâmicas de câmbios que vão além das relações afetivas próximas, de modo equalizado:

“A singularidade dessas experiências em relação a certas atividades ilegais, ou mesmo, a simples “viração” em família ou entre amigos, reside na sua inscrição no espaço público, exprimindo uma forma de solidariedade voluntária e um modo de relação igualitário entre os membros da associação”.

Ao contrário do que afirma Mance (2002) sobre a função das moedas sociais nos clubes de trocas - a moeda serve somente para estruturar e facilitar as trocas - além de facilitar as trocas, as moedas sociais possuem potencial para contribuir para novas dinâmicas de sociabilidade, funcionando como tecnologias sociais dotadas de ricas práticas educativas, abrangendo inclusive o ramo da educação ambiental. Foram justamente essas outras dinâmicas possibilitadas a partir do uso da moeda social “Grão” que se buscou observar durante a pesquisa no Brechó Eco-Solidário de 2012.

O “Grão” no VII Brechó Eco-Solidário, em Salvador, Bahia

O evento de trocas solidárias Brechó Eco-Solidário é um espaço de trocas de bens usados através da moeda social “grão”. Ele vem sendo realizado anualmente, desde 2006, juntamente com a Feira Solidária, da qual participam majoritariamente Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), de natureza associativa ou cooperativa, juntamente com diversas atividades culturais, formativas e de saúde integral, o que permite a execução das trocas além de exclusivamente pelo dinheiro, causando uma inclusão de pessoas que a parte do processo por não terem condições financeiras. O evento tem como objetivo chamar a atenção do público para os problemas do consumo exagerando através de exercícios e atividades práticas e divertidas. Desse modo, é possível experimentar a possibilidade de extensão da vida útil dos produtos, através do reuso, prática estimulada pela organização do evento. Além disso, ocorre a retomada de uma prática histórica e atual de aquisição de produtos usados, juntamente com a sensibilização dos participantes sobre os danos causados ao meio-ambiente. Uma das experiências mais relevantes possibilitadas pelo Brechó remete ao uso da moeda social “grão”, que circula exclusivamente durante o evento. É também por meio dessa moeda que se tenta abarcar novamente as dimensões antropológicas da moeda - redistribuição e reciprocidade - em contraposição ao papel que moeda ocupa majoritariamente na sociedade atual que é de reserva de valor e de uma

mercadoria com finalidade em si mesma.

Como foi mencionado, os clubes de trocas possuem regras diferentes a depender das especificidades da região em que se situam. No caso do VII Brechó Eco-Solidário, que aconteceu nos dias 20 e 21 de outubro de 2012, no Parque da Cidade, em Salvador-BA também ocorreu seguindo seu sistema específico e teve seu surgimento ligado a emergência de arranjos cooperativos. A novidade da sétima edição foi que para melhor atender os participantes, o evento aconteceu durante dois dias e não somente um como habitualmente. Não muito diferente dos outros anos, os interessados em participar puderam trocar seus produtos, em bom estado de conservação, pela moeda “grão”. Para atender aos objetivos foram instalados postos de trocas em universidades e outras instituições participantes, além de existirem voluntários que atuaram como postos itinerantes. Entre os produtos trocados nesses postos estão roupas e sapatos (adulto e infantil), brinquedos, livros e muitos outros utensílios que foram disponibilizados para troca durante o evento.

A relação da moeda com o produto é de um pra um, ou seja, cada “grão” equivale a um produto, independente de ser um livro ou uma televisão, por exemplo. Esse mecanismo visa atrair a atenção para o valor de uso do bem, incentivando a reflexão de que se um produto não possui utilidade para alguém pode ser trocado por outro igualmente sem utilidade para outra pessoa. Nesse sentido, as moedas sociais funcionam na perspectiva da complementaridade e no combate a escassez da moeda, além de trazerem uma forma de relação igualitária entre os participantes do evento.

É importante destacar que as universidades foram pioneiras na concepção desse clube de trocas, em um processo no qual a cada ano foram se agregando outras parcerias, fazendo com que hoje estejam integrados no processo diversas instituições, incluindo o setor público, empresas e ONGs. Em 2012 o evento continuou sendo construído por uma comissão auto-gestionária e coordenada pela Associação Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania. Iniciativas como essa permitem a inscrição de câmbios que normalmente acontecem em espaços privados no ambiente público, já que cria um cenário que remete a reflexões sobre o caráter integrativo das relações de trocas solidárias, ou seja, os interesses não são unicamente econômicos, mas também políticos e sociais.

Com o propósito de melhor compreender a percepção das pessoas sobre o papel da moeda nas dinâmicas das trocas, na VII edição do Brechó Eco-Solidário foi realizada uma pesquisa com o intuito de avaliar as diferentes percepções da moeda “Grão” em basicamente três aspectos: o nível de interesse dos participantes em eventos de trocas solidárias; o entendimento sobre moeda social, tanto dos participantes-visitantes quanto dos membros do Empreendimentos Econômicos Solidários participantes da Feira Solidária do evento; e, por fim, as diferentes percepções acerca da serventia de uma moeda social a partir, principalmente, de uma questão a aberta feita durante as entrevistas.

Resultados

As informações a seguir são referentes ao estudo sobre as percepções da moeda

social na VII edição do Brechó Eco-solidário. É válido lembrar que o conjunto de perguntas foi de teor prioritariamente qualitativo. Os resultados, porém, referem-se apenas a amostra colhida e as informações não são base para inferências acerca da população total do evento. Desse modo, buscou-se analisar os dados com ênfase no entendimento sobre moeda social e as percepções do público em geral do evento. Além disso, a observação não-estruturada possibilita análises da relação das pessoas com a moeda durante a troca.

Foi principalmente com base nessa observação que se levantou o grau de conhecimento sobre moeda social que os entrevistados já podiam ter adquirido, a partir do esforço dos organizadores do evento. Nesse sentido, foram observados dois momentos nos quais esse esforço foi intensificado. O primeiro momento ocorreu com a explicação do que era uma moeda social e de qual seria a utilidade daqueles instrumento na VII edição do Brechó Eco-solidário no momento em que era realizado a troca de bens usados pelas moedas. O segundo momento observado, ocorreu no próprio evento onde foi realizada uma apresentação lúdica em formato teatral que tinha como narrativa o papel da moeda social.

No caso específico dos participantes-empresendimentos, ocorreram algumas formações focadas nesse grupo como a de estratégias de marketing para alavancar as vendas além deles terem sido convidados para participarem da formação dos participantes-voluntários. Apesar desses esforços, alguns participantes-empresendimentos relataram não ter recebido instruções por parte da organização do evento. Também por isso, os representantes dos empresendimentos instalados no parque durante o Brechó, não apontavam com clareza os principais benefícios na utilização do grão nem no evento, nem de alguma outra moeda social em outros contextos. Ao contrário disso, alguns disseram que a moeda “dificulta o troco”, isso porque muitos dos produtos comercializados durante o evento, não terem um preço “redondo” ou fechado. Além disso, as pessoas não eram muito favoráveis a receber a moeda “grão” como troco de suas aquisições.

O conjunto de entrevistas que compõem a amostra atingiu o número de 170. Desse número 12 entrevistas foram realizadas em Empresendimentos de Economia Solidária (EES). A população dos participantes visitantes não é conhecida, mas a população de Empresendimentos de Economia Solidária (EES) é de 21, dessa forma, foram entrevistadas mais do que 50% dos empresendimentos. Assim, a amostra entrevistada apresentou um perfil de participantes com média de idade de 35 anos, sendo que a idade variou entre 10 e 72 anos, o que denota um alto desvio-padrão de 14,7 é justificado. Por ser realizado em um parque central da cidade, muito requisitado com programação nos fins de semana, é possível explicar que a grande amplitude de idade da amostra contemplou tanto o público do evento, quanto dos visitantes do parque. Outra característica do perfil de participantes que se destacou foi a maior presença de mulheres do que de homens no evento, pois elas representam aproximadamente 74% de presença no evento. Esse dado se reverbera no movimento de economia solidária como um todo, onde a presença de mulheres é superior. Já em relação a escolaridade foi percebido a presença aproximadamente 23,4% com 1º grau, 31,6% com 2º grau, 24% com superior incompleto, 15,2% com superior completo e 5,26% com pós-graduação.

Como parâmetro para analisar o nível de interesse dos participantes em eventos de trocas solidárias foi observado a quantidade de participações no Brechó e a presença em outro evento de trocas solidárias. Em relação a quantidade de vezes que os participantes estiveram no Brechó, a maior parte dos entrevistados, cerca de 70,58%, foram pela primeira vez, 14,7% foram duas vezes, 8,82% pela terceira e menos de 1% foram quatro ou mais vezes. A primeira vista esse dado pode indicar um desinteresse dos participantes nesse tipo de evento, mas também é preciso balizar que o evento está se expandindo a cada edição. O outro parâmetro indica que apenas 28,23% dos entrevistados já participaram de outros eventos de trocas solidárias. Esse resultado pode aparentar desinteresse, mas também deve-se ponderar que a oferta de eventos de trocas solidárias é pequena.

Em relação ao entendimento sobre moeda social 42,40% dos participantes visitantes já ouviram falar em moeda social, enquanto o resultado para os membros dos Empreendimentos Econômicos Solidários participantes da Feira Solidária do evento foi de 75%. Isso demonstra que as práticas de utilização de moedas complementares vêm se intensificando e se encaixando nos moldes que permitem a pluralidade econômica e mostrando que outras formas de intercâmbios econômicos são viáveis. Essa viabilidade é comprovada historicamente já que a moeda é capaz de abarcar os fenômenos de redistribuição, reciprocidade e mercado.

Além disso, foi analisado também que o número total dos entrevistados que realizaram efetivamente trocas durante o evento e quantos deles de fato perceberam que utilizaram moeda social para efetuar esses câmbios. Assim, foi possível perceber que embora o número de pessoas que foram ao evento e efetuaram troca tenha sido alto, para 25,88% dos entrevistados, o “Grão” não foi percebido como moeda social, isto pode ser visualizado na tabela abaixo, que relaciona o número de pessoas que respondeu ter efetuado alguma troca, mas não ter usado nenhuma moeda social:

Tabela 1 - Entendimento sobre a moeda social do VII Brechó Eco-Solidário

Usou alguma moeda social?	Já fez alguma troca no evento?		
	Não	Sim	Total geral
Não	41	44	85
Sim	5	57	62
(vazio)	13	10	23
Total geral	59	111	170

A partir do reconhecimento das moedas sociais como sendo favoráveis a construção de novas dinâmicas de sociabilidade buscou-se a partir de uma questão aberta entender o porque de usar moeda social. Para melhor compreensão dessa questão, as respostas foram categorizadas no esforço de procurar alguma unidade entre elas por meio de identificar as idéias que se repetiam. As categorias foram: 1) Facilitar a troca, 2) Acessar produtos, 3) Consumir conscientemente, 4) Interagir, socializar, 5) Mudar de consciência e desapegar, 6) Propor um sistema alternativo e por fim uma categoria que abarcou as pessoas que não sabiam ou

optaram não responder que totalizou 69 respostas. Em seguida, registrou-se a frequência de ocorrência de idéias da mesma categoria levando em consideração as palavras ou expressões que apresentavam alguma semelhança entre si.

Tabela 2 – Categorização e frequência da ocorrência das idéias ou expressões que os participantes associaram diante do questionamento sobre a justificativa para que usar moedas sociais

Por que usar moedas sociais?	Frequência	Categoria
Fazer troca de objetos; tentar conscientizar as pessoas que as trocas não são feitas através só de dinheiro	25	Facilitar a troca
É bom pra trocar e comprar o que a gente não tem; para tornar a aquisição de produtos possível e acessível a todos	15	Acessar produtos
Porque traz um consumo consciente; o que não serve para mim pode servir pra você	11	Consumir conscientemente
Confraternizar; para unir a comunidade; interatividade	15	Interagir, socializar
Estimula as pessoas a pensar no valor das coisas, fazendo as pessoas repensar que o dinheiro é um papel impresso	18	Mudar de consciência e desapegar
Para quebrar a imposição do capitalismo; estabelecer uma nova economia de forma justa	17	Propor um sistema alternativo

A análise das respostas dos voluntários, visitantes e empreendimentos, sobre o por que usar moedas sociais demonstra pela sua diversidade a amplitude semântica da moeda social. Na categoria facilitar a troca, a fala mais recorrente foi “para trocar”, sendo responsável por 14,6% das opiniões, ou seja, essa foi a categoria que apresentou uma maior porcentagem, representando que as pessoas percebem a moeda em um sentido mais concreto relacionado a sua utilidade mais prática.

Já na categoria acessar produtos, surgiram falas como “Para tornar possível e acessível a todos.” e “É vantagem, troca por uma coisa que não vai usar e pega algo que a serve”. Essas respostas trazem a reflexão do deslocamento da percepção da moeda como um modo de acessar novos produtos e não só como um instrumento para facilitar a ação da troca, deixando de ver a moeda como um meio e passando a vê-la como finalidade.

Na categoria consumir conscientemente, há a presença de respostas como “Uma forma de reaproveitamento, trazendo uma coisa que não serve mais para gente e trocando é um exemplo de solidariedade”. Assim, a moeda pode ser interpretada nessa categoria como um dos caminhos para o entendimento de um mundo mais sustentável, já que serve como um instrumento de apoio de contestação da cultura dos produtos descartáveis. A classificação da ideias da moeda relacionados a interação e a socializar podem ser analisados em expressões como “Para tirar a impressão que tudo é dinheiro; Aqui temos um esforço com todas as classes; socialização”, reforçando o caráter integrativo da moeda para além da satisfação pura de objetivos econômicos. Em relação a categoria mudar de consciência e desapegar com ideias como “Estimula as pessoas a pensar no valor das coisas, fazendo as pessoas repensar que o dinheiro é um papel impresso.” onde a moeda

ganha uma conotação ainda maior de possibilidade de resignificação para o valor de uso e o valor de troca dos produtos. Por fim, a categoria propor um sistema alternativo possibilitou o aparecimento de ideias como “Fugir um pouco do capitalismo. O real vale muito pouco do que a gente luta pra ter. Todo mundo tem o mesmo poder de compra.” e “Colocar todo mundo no mesmo patamar, não tem rico nem pobre. Todo mundo tem o mesmo poder.”. Nessa última categoria é questionado a figura da especulação do dinheiro e da acumulação do capital, levando a moeda social como uma alternativa para a contestação de um modelo econômico.

A partir dessas categorias, podemos analisar que os participantes em geral do evento interpretam o porque de se usar a moeda a respostas mais relacionadas com a categoria 1) Facilitar a troca, sendo responsável por 14,6% das opiniões, seguida por 5) Mudança de consciência, representada por 10,94%, 6) Sistema alternativo com 9,94%, 2) Acesso a produtos com 8,77% com igual valor para 4) Interação e sociabilidade, estando por fim o 3) Consumo consciente e sustentabilidade com 6,43%.

Após a exposição das categorias fica evidente que apesar das diferentes percepções concedidas a motivação para o uso das moedas sociais cerca de 40% das pessoas das pessoas optaram por não responder o questionamento. Esse cenário denota que apesar da maior parte do público ter conseguido identificar esse tipo de moeda como algo positivo, muitos foram o que não souberam ou não quiseram responder. Mesmo assim, com essa associação é possível perceber o poder semântico da moeda e foram capazes inclusive de enxergar diversas funcionalidades.

Considerações finais

A partir dos objetivos propostos nesse estudo foi comprovado as várias percepções possíveis para uma moeda verificados na literatura sobre economia plural e moedas sociais, ou seja, pode-se observar, a partir da perspectiva dos participantes, as diversas funções atribuídas a moeda social além da visão economicista atual de reserva de valor. Isso pode ser evidenciado na fala “para tirar a impressão de que tudo é dinheiro, aqui temos um esforço com todos as classes, socialização” que mostra essa emersão da socialização assim como é citado no caso ocorrido em Ithaca, Nova York. Esse excerto mostra também o empenho pela equalização dentro desses sistemas de troca, como foi descrito por França Filho e Laville (2006).

Os espaços de trocas solidárias como o Brechó Eco-Solidário são caracterizados também pela multilateralidade das trocas, fomentando a inserção nos espaços públicos as relações de solidariedade voluntária e igualdade entre os membros participantes, o ato político de dimensão coletiva. A execução desses espaços exige todo um processo de maturação, desde políticas públicas até a própria execução de mais trabalhos científicos que fomentem a ocupação de espaços como esses com o propósito de beneficiar o coletivo e propagar essas práticas. Inclusive, a carência de mais eventos de trocas solidárias foi um dos fatores limitantes para que os entrevistados tivessem uma visão mais sistêmica a respeito

da moeda, suas características, funções e finalidades.

Alguns dos caminhos identificados para propagar a amplitude do conceito de moeda social no evento consistiram em articular formações sobre moeda social com os participantes de empreendimentos que atuam no Brechó, e despertar o interesse dos participantes em geral, ao conceder maior visibilidade e mais informações sobre a moeda social grão. A resignificação da moeda sofre alterações ao longo do processo históricos dos sistemas econômicos e a partir de construções como esse evento pretende-se cada vez mais atingir um patamar de economia plural, introduzindo abundância na economia.

Referências

- ARRUDA, M. (org.). **Intercambiando Visiones de una Economía Responsable**, Plural y Solidaria, ALOE/PACS, Rio de Janeiro, 2009.
- ENGELS, F. **A Origem da Família da Propriedade e do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1974.s
- FRANÇA FILHO, G. **Terceiro Setor, Economia Social, Economia e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais**. Bahia - Análise & Dados, Salvador - Bahia, v. 12, n. 01, p. 09-19, 2002.
- FRANÇA FILHO, G. **Moedas sociais e territórios na experiência dos BCDs do Brasil**. XXVII Congresso Internacional da Alas, Recife, 2011.
- FRANÇA FILHO, G.; SILVA JR, J. T. **Bancos Comunitários de Desenvolvimento (BCD)**. In CATTANI, Antonio David et al. **Dicionário Internacional da Outra Economia**: Edições Almedina, 2009, p. 31-37.
- FRANÇA FILHO, G.; LAVILLE, C.; MEDEIROS, A.; MAGNEN, J. (Orgs); **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- LAVILLE, J. Solidariedade. In: PEDRO, H. et al. **Dicionário internacional da outra economia**. Centro de Estudos Sociais. Portugal/Coimbra, G.C. – Gráfica de Coimbra, 2009.
- LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber: metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999
- POLANYI, K. 1886-1964. **A subsistência do homem e ensaios correlatos/ Karl Polanyi**; organização Kari Polanyi Levitt; introdução Michele Cangiani; tradução Vera Ribeiro; revisão Cesar Benjamin- Rio de Janeiro; contraponto, 2012.
- POLANYI, K. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SERVET, J. M. (Org.). **Une économie sans argent: les Systèmes d'Echange Local**. Paris : Seuil, 1999. Disponível em: http://www.alternatives-economiques.fr/une-economie-sans-argent,-les-systemes-d-echange-local--sous-la-direction-de-jean-michel_servet_fr_art_128_12946.html. Acesso em 01 de fevereiro de 2013
- MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E.M. **Metodologia científica**. 4ªed revista e ampliada. São Paulo. Atlas, 2006.
- MANCE, E. A. **Como organizar redes solidárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- MANCE, E. A. **Redes de trocas e cadeias produtivas - limites e alternativas**. Bahia- análise & Dados, Salvador – Bahia, v.12, n. 01, p 121-126, 2002
- ROSSMEISSEL, B. **El trueque en argentina - ¿Estrategia eficiente en tiempos de crisis?** Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/ar/2005/br-trueque.htm>>. Acesso em 30 de Janeiro de 2013